



ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019

## ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA



**2º ENCONTRO DE  
PSICOLOGIA**

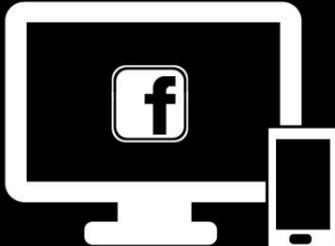
**AJES<sup>®</sup>**  
Juína

**Práticas Psicológicas  
Violência Doméstica  
e Femicídio**

 Dia 06 de Setembro de 2019  
Horário 18h50

 Local Auditório Principal  
da AJES de Juína

 Convidado de honra: Dr. Carlos Francisco de Moraes  
Delegado da Regional Juína da Polícia Judiciária Civil



**TRANSMISSÃO AO VIVO**  
 **@faculdade.ajes**  
AJES - Faculdade do Vale do Juruena



**ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019**



## **Artigos Completos - Sumário**

<b>ESTUDO PRELIMINAR DE CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT .....</b>	<b>4</b>
<b>MARIA DA PENHA: DE VÍTIMA A PROTAGONISTA DO MAIOR ATO EM DEFESA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA .....</b>	<b>16</b>
<b>ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA .....</b>	<b>26</b>



## ESTUDO PRELIMINAR DE CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT

Amanda de Souza Fülber <sup>1</sup>

Fernanda Firmini <sup>2</sup>

Karoliny Pereira da Silva <sup>3</sup>

Amanda Grazielle Aguiar Videira <sup>4</sup>

**RESUMO:** A violência contra a mulher é um assunto emergente que atinge um número significativo de denúncias. Neste sentido, o presente artigo propôs analisar o número de casos registrados em boletins de ocorrência de violência contra a mulher pela Delegacia Regional de Polícia Civil, unidade especializada para atendimento de mulheres em situação de violência no município de Juína/MT, abrangendo o período de 22 de agosto de 2018 a 23 de agosto de 2019. Foram utilizados com critério de eliminação na quantificação dos dados os boletins registrados em flagrantes e que não apresentaram discriminação situacional. Sendo assim, foram registrados um total de 247 boletins de ocorrência, porém somente 192 ocorrências atenderam aos critérios de seleção. Diante dos dados analisados foram identificadas 121 investigações preliminares, 55 inquéritos policiais e 19 fatos atípicos que correspondem a denúncias a serem averiguadas. Desta forma, considera-se que estudos mais aprofundados sobre o tema devem ser realizados neste município, com o intuito de identificar quais são as medidas preventivas promovidas, assim como compreender como ocorre a efetivação de políticas públicas que dão acesso a informação e aos serviços prestados ao atendimento às mulheres vítimas de violência com o intuito de diminuir a incidência dessa violência.

**Palavras-chave:** Violência doméstica, Proteção à mulher, Boletim de ocorrência.

## INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher configura-se como um problema de saúde pública em larga escala, o qual vêm tomando magnitude nas mídias sociais e meios científicos devido ao número de casos acometidos contra mulheres de diferentes idades, classes sociais e localidades. O

---

<sup>1</sup> FÜLBER, Amanda de Souza: Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade do Vale do Juruena. Email: amandafulber@hotmail.com.

<sup>2</sup> FIRMINI, Fernanda: Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade do Vale do Juruena. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da AJES, período 2019/1. Email: ferfirmini@gmail.com.

<sup>3</sup> SILVA, Karoliny Pereira Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade do Vale do Juruena. Email: karoliny.psilva@hotmail.com

<sup>4</sup> VIDEIRA, Amanda Grazielle Aguiar: Professora do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade do Vale do Juruena. Orientadora. Email: amandavideira.agav@gmail.com

estudo da violência doméstica consiste em um tema complexo tanto para o campo de pesquisa como para a intervenção, no entanto possui características efêmeras e de difícil visibilidade do fenômeno, pois em suma a vergonha pelo fato ocorrido dificulta a implementação de ações públicas e a quantificação de dados (HANADA; D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2010).

Falar sobre violência envolve a transgressão de direitos, rompimento das relações de confiança e intimidade, os quais envolvem o julgamento moral sobre a feminilidade e a submissão da mulher no exercício de suas atividades sociais. Por este fato, o enfrentamento a esse tipo de violência envolve intervenções e diversos níveis de atuação, desde o cultural, o institucional e o familiar até o individual (HANADA; D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2010).

O artigo 5 da Lei 11. 340, denominada por Lei Maria Penha, caracteriza a violência doméstica e familiar contra a mulher como qualquer ação ou omissão fundamentada no gênero que lhe cause lesão; sofrimento físico, sexual ou psicológico; dano moral ou patrimonial, ou ainda a morte (COSTA, 2018). GREIN et al (2016) ainda define violência doméstica como qualquer conduta que seja utilizada para infligir danos, que causam sofrimentos físicos, mentais, sexuais, econômicos, mediante ameaças, coação, enganos, entre outros meios.

No panorama nacional, foram realizados estudos de base populacional, que mensuraram a ocorrência de violência contra as mulheres, com amostra representativa nacional de 2.502 mulheres na faixa etária de 15 anos ou mais. Evidenciou-se que 43% das brasileiras revelaram ter sofrido algum tipo de violência praticada por um homem na vida. Assim, um terço admitiu ter sofrido violência física, outras 13% a violência sexual e 27% violência psicológica. Os agressores consistiam em maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados variando as agressões em 88% de tapas e empurrões a 79% dos perpetradores de relações sexuais forçadas (COSTA, 2018).

Vale salientar ainda, que a violência contra a mulher abrange diversas faixas etárias, classes sociais, religião, escolaridade e se expressas em várias formas, ressaltando que, quando ocorre entre os parceiros íntimos, se caracteriza como violência doméstica (GREIN et al, 2016). De acordo com Fonseca e Lucas (2006) a forma mais comum de violência doméstica é a física que consiste no ato de provocar lesões corporais, as quais possivelmente diagnosticáveis, tais como cutâneas, neurológicas, oculares e ósseas, geralmente, provocadas por queimaduras, mordidas, tapas, espancamentos, ou qualquer ação que ponha em risco a integridade física. Este

tipo de violência se caracteriza quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que pode causar lesões internas, por exemplo: hemorragias e fraturas ou as externas como: cortes, hematomas e feridas (SILVA; COELHO E CAPONI, 2007).

A violência sexual também se enquadra como uma das formas de violência doméstica com maior frequência de notificações. Segundo Sinimbu et al (2014) a violência sexual é qualquer ação na qual um indivíduo, aproveitando de sua posição de poder e utilizando o uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com emprego ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa, seja de qualquer sexo, a ter, presenciar, ou participar, de alguma maneira, de interações sexuais ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção.

Geralmente, a violência sexual se potencializa através de fatores como: gênero, hierarquia simbólica de valores humanos, deficiência, debilidade socioeconômica, entre outros aspectos. As mulheres, vítimas desta modalidade têm maior probabilidade em desencadear sintomas psicológicos e psiquiátricos, como: depressão, síndrome do pânico, somatização, tentativa de suicídio, abuso e dependência de substâncias psicoativas. Além disso, a possibilidade de contrair doenças sexualmente transmissíveis, e até mesmo uma gravidez indesejada (TEXEIRA, 2018).

De acordo com Galvão e Andrade (2004), as mulheres que sofrem violência doméstica estão cinco vezes mais predispostas a apresentarem problemas psicológicos. Para Fonseca e Lucas (2006), alguns dos sintomas psicológicos frequentes encontrados em vítimas de violência doméstica são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até o aparecimento de transtornos mentais como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além disso, podendo provocar comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, ou ainda tentativas de suicídio.

Em relação a modalidade de violência psicológica, os autores Silva, Coelho e Caponi (2007) a violência psicológica consiste em toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. A qual inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e



familiares, o impedimento da utilização do seu próprio dinheiro. De todas as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. No entanto, é a mais frequente, pois leva a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, ainda existe o risco das situações se arrastarem por muito tempo e, se agravarem.

Em vista da necessidade de atender a enorme demanda populacional do sexo feminino sob efeito da violência, uma das medidas adotadas foi a criação da primeira delegacia da mulher, no ano 1985 no Estado de São Paulo. Isso demonstrou a existência do problema, sua gravidade e, principalmente, carência de um atendimento policial especializado. Com isso, grupos feministas passaram a ter como objetivo a luta a favor da implantação de novas delegacias em todos os estados com o intuito de garantir o atendimento psicológico, jurídico e de assistência social às vítimas (GARCIA; TRAJANO, 2018).

Diante dos aspectos salientados o objetivo do presente artigo é apresentar a descrição do número de casos registrados em boletins de ocorrência de violência contra a mulher pela Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil, unidade especializada para atendimento de mulheres em situação de violência no município de Juína, Estado de Mato Grosso.

## **DESENVOLVIMENTO**

O trabalho teve como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica documental, realizada com dados obtidos na Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil do município de Juína, Estado de Mato Grosso, Brasil. Onde buscou-se analisar o relatório de boletim de ocorrência por situação de violência contra a mulher, abrangendo o período de 22 de agosto de 2018 à 23 de agosto de 2019.

A Delegacia Regional do município de Juína/MT, é a unidade especializada da Polícia Civil para atendimento de mulheres em situação de violência. Esta unidade é responsável pelo registro de boletins de ocorrência, investigação de crimes praticados contra as mulheres, encaminhamento de solicitação de medidas protetivas, entre outros.

Os dados deste artigo foram levantados por meio do relatório situacional de boletim de ocorrência da Delegacia Regional, onde as situações informadas são identificadas como:



**ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019**

investigação preliminar (AIP), inquérito policial (IP) e fato atípico (ATP) - denuncia a ser averiguada. Inicialmente, foi realizada a quantificação de casos em cada situação, logo em seguida, foram elaborados gráficos estatísticos de tais situações para fomentar a discussão, os quais foram fundamentados através de revisão bibliográfica disponível em meios científicos de acesso público online.

Foram utilizados com critério de eliminação na quantificação dos dados os boletins registrados em flagrantes e os que não apresentaram discriminação situacional no relatório fornecido pela entidade responsável.

A violência contra a mulher envolve questões estritamente emocionais e afetivas, pois em sua maioria o agressor é o companheiro da vítima, o que bloqueia o rompimento da relação afetiva, mesmo em um contexto de violência. Observa-se também uma tendência a não realizar a denúncia, por se sentir culpada pela violência sofrida, por medo de afetar os filhos ou que a violência volte a acontecer, ou ainda, por acreditar na melhora do comportamento do agressor (BRASÍLIA, 2018).

As mulheres em situação de violência doméstica não sofrem agressões de forma constante, e nem infligidas ao acaso, existe um padrão de violência conhecido como “Ciclo da Violência”. O ciclo se inicia na fase da construção da tensão no relacionamento, na qual, ocorre agressões verbais, ameaças, a crise de ciúmes, destruição de objetos, etc. Aqui, a vítima tenta acalmar seu agressor, fazendo suas vontades com a finalidade de impedir seus episódios de raiva, ainda, ela se sente responsável pelos atos do companheiro (SOARES, 2005).

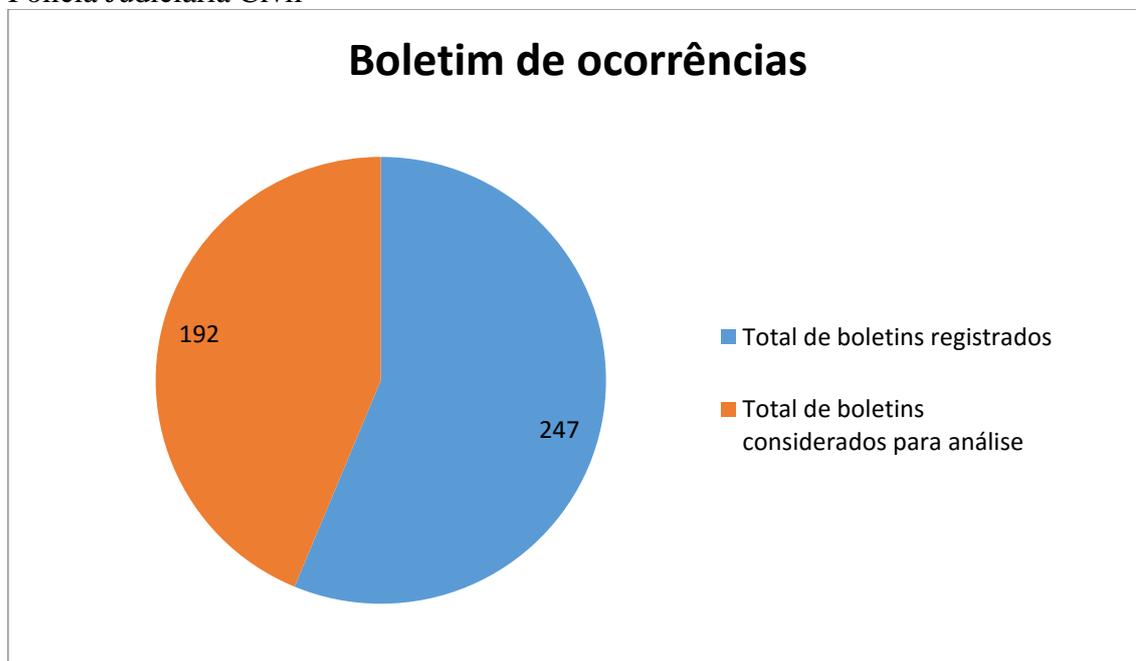
A segunda fase consiste na explosão, o ataque violento, na qual, a violência verbal progride para a violência física, e assim, vai combinado os variados tipos de agressões. As vítimas não reagem porque tem medo de agravar a situação e procuram apenas se defenderem dos ataques. Nesta fase, a agressão pode ser tão severa, de modo que as vítimas podem necessitar de atendimento médico (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

Na última e terceira fase, a lua de mel, o agressor após ter cometido o ato violento demonstra remorso e tem medo de perder a companheira. Assim, ele começa a prometer qualquer coisa, implorar o perdão, compra presentes e até demonstra sua culpa e sua paixão. Jura que irá mudar e nunca repetir seus atos novamente (SOARES, 2005).

Neste ciclo a denúncia comumente ocorre na fase da explosão, correspondente a segunda etapa, onde a vítima realiza a denúncia na Delegacia especializada. No entanto, “a maioria das mulheres agredidas não procura ajuda mesmo durante este período, a menos que as lesões sofridas sejam tão graves que demandem cuidados médicos, podendo aguardar diversos dias até procurarem ajuda, se o fizerem” (BRASÍLIA, 2018, p. 6-7).

No Município de Juína, no período de 1 ano foram registrados um total de 247 boletins de ocorrências de violência feminina, os quais são identificados por situações específicas no momento do registro. Em meio a esse quantitativo, observou-se que 51 dessas ocorrências não apresentou discriminação situacional e outras 4 foram registradas em flagrante. Sem assim, desconsideradas na quantificação de dados, passando-se a considerar um total de 192 boletim de ocorrência para análise dos demais dados dessas pesquisas (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Número total de boletim de ocorrência registrados na Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil

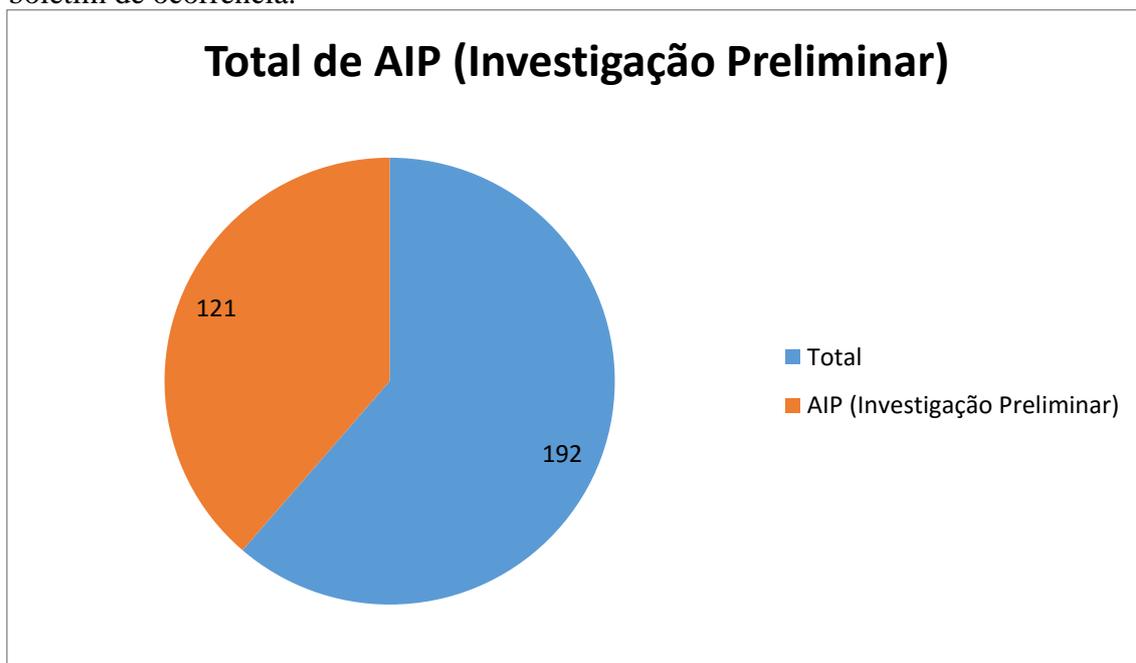


Fonte: Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil

Do número total de boletim considerados, 121 foram identificados com a situação de Investigação Preliminar (Gráfico 2), que corresponde a fase na qual se reúnem elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal, onde se inicia a investigação preliminar consiste no momento da persecução penal, anterior ao processo, visto com a

finalidade de, reunir de atos de averiguação das circunstâncias, mediante a todos os fatos apresentados com o objetivo de contribuir para a formação da análise. Podendo através dos fatos anexados darem inicio a investigação para que seja possível mediar uma ocorrência.

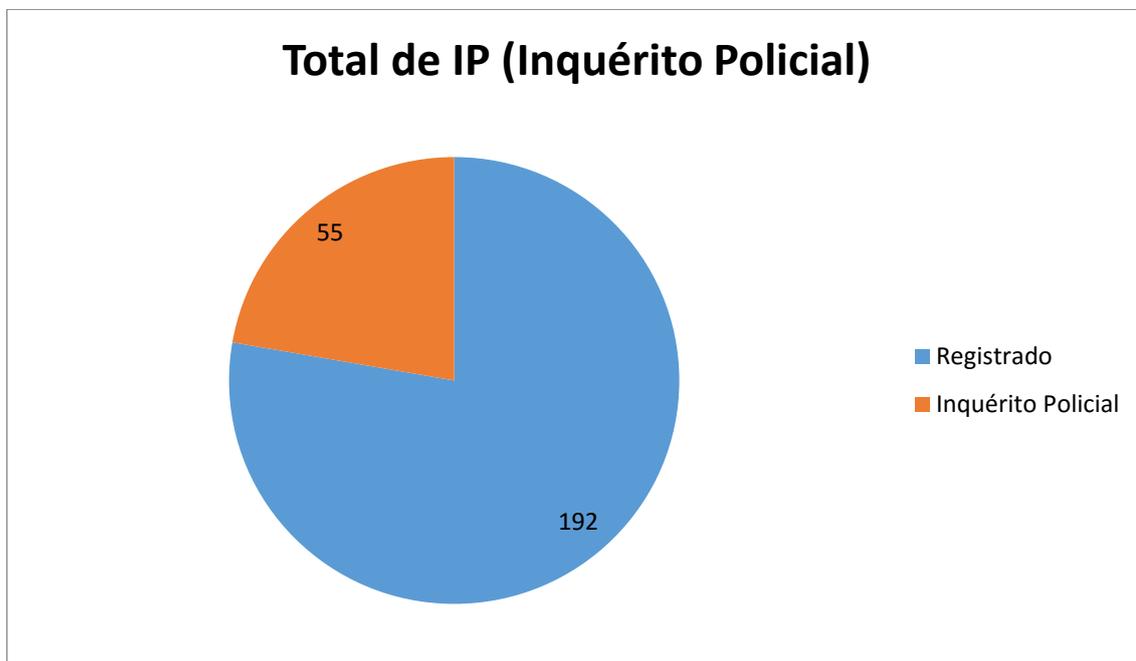
Gráfico 2 – Número total de Investigação preliminar realizada a partir do registro de boletim de ocorrência.



Fonte: Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil

Das notificações efetivadas, apenas um total de 55 registros tiveram o Inquérito Policial instaurado como ilustrado no Gráfico 3. Conforme visualizado nas informações obtidas pode observar que os dados após serem coletados instaura-se o início da investigação policial e abre-se o processo.

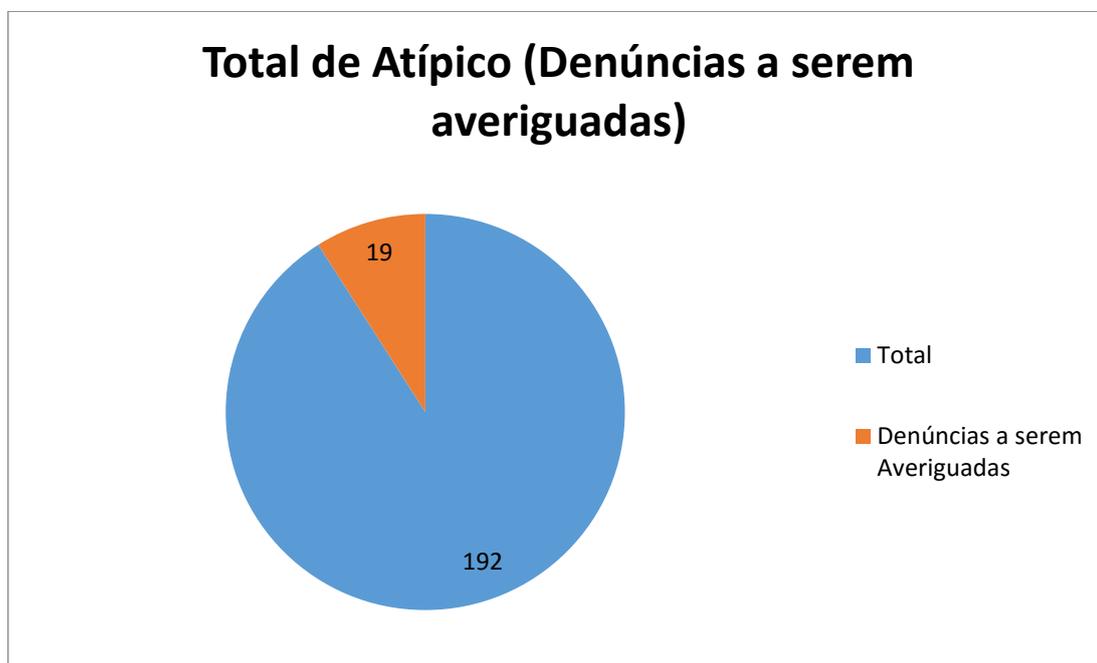
Gráfico 3 – Número total de Inquérito policial realizada a partir do registro de boletim de ocorrência.



Fonte: Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil

Mediante ao número de dados fornecido pela Delegacia Regional podemos observar, do total considerado para análise um número correspondente de 19 registros foram identificados como fato Atípico (Gráfico 4), o que consiste que após a denúncia o fato precisar ser averiguado para se apurar a veracidade da denúncia.

Gráfico 4 – Número total Atípico (Denúncias averiguadas) policial realizada a partir do registro de boletim de ocorrência.



Fonte: Delegacia Regional de Polícia Judiciária Civil

Através dos dados identificou-se um quadro preliminar da realidade do município de Juína/MT. Os quais demonstram um número significativo de não continuidade do processo, sendo que, de 192 casos registrado apenas 55 tiveram processo instaurado. Deste modo, concorda-se com a pesquisa realizada por Lucena et al (2016) na qual, as vítimas de violência doméstica desistem do processo devido as seguintes variáveis: os filhos, dependência financeira, risco de homicídio, isolamento social, vergonha, medo e a possível melhora no comportamento do agressor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retratar a violência abre um leque de diversas condutas, graus de dificuldades e um número enorme de possibilidades. A natureza da agressão traz para o contexto, de maneira negativa, uma forma na qual a pessoa do sexo feminino apresenta características de submissão, deixando explícito o empoderamento masculino.

É necessário salientar que inferir análises mais precisas sobre os registros ocorridos no município de Juína/MT demandam de um estudo e entendimento mais aprofundados acerca da dinâmica da violência, tanto a nível local como em maiores escalas, a exemplo em nível



estadual, podendo ainda comparar esses índices com outros municípios do estado, buscando fomentar a discussão sobre o tema e ampliando as possibilidades de inserção de políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres.

Por meio deste estudo foi possível verificar que existe um crescente número de casos de violência doméstica no município de Juína/MT, observou-se através da revisão de literatura que a violência doméstica trata-se um tema emergente e muito delicado, que exige atenção dos meios políticos, sociais e judiciário. Cabe a esses poderes, a responsabilidade e o comprometimento em orientar, apoiar e implantar políticas públicas efetivas para auxiliarem as mulheres vítimas dessas agressões, no intuito de minimizar os índices de desistência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASÍLIA. Panorama da violência contra as mulheres no Brasil indicadores nacionais e estaduais 1. Violência contra a mulher, Brasil, periódico. 2. Violência contra a mulher, estatística, Brasil. I. Brasil. **Congresso Nacional. Senado Federal**. Observatório da Mulher Contra a Violência. II. Título. 2018. Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/institucional/datasetenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>> Acesso em: 05 Abr. 2019

CONGREGA – Urcamp. **Violência doméstica contra mulheres: Impacto psicológico e alternativas de recuperação**. Revista da Mostra de trabalho de Conclusão de Curso, 2018. Disponível em: < <http://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1133>> Acesso em: 22 ago. 2019.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas Consequências psicológicas**. Salvador, 2006. Disponível em: < <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2019.

GALVÃO, Elaine Ferreira; ANDRADE, Selma Maffei de. **Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do Sul do Brasil**. Saúde e Sociedade v.13, n.2, 2004. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200009&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 22 ago. 2019.

GARCIA, Ana Luiza Casasanta; TRAJANO, Mariana Peres. **Violência sexual contra mulheres e saúde mental: um diálogo sobre norma técnica de prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, v.10, n.25, 2018. Disponível em: <



<http://stat.elogo.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/5003>> Acesso em: 22 ago. 2019.

GREIN, Taiana Aparecida Duarte; et al. **Violência doméstica contra mulheres: produção de sentidos pela mídia televisiva no sudoeste de Mato Grosso, Brasil.** Rev. Bras. Pesq. Saúde, Vitória, 2016. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/15088>> Acesso em: 22 ago. 2019.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de et al . Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo , v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2019

HANADA, Heloisa; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; SCHRAIBER, Lilia Blima. Os psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 18, n. 1, p. 33-60, Apr. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 ago. 2019.

MANITA, Celina; RIBEIRO, Catarina; PEIXOTO, Carlos. **Violência doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde.** Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Lisboa, 2009. Disponível em: < [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4\\_GBP\\_PROFSSIONAIS\\_SAUDE.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFSSIONAIS_SAUDE.pdf)> Acesso em: 24 ago. 2019.

SANTIAGOI, Rosilene Almeida; COELHOI, Maria Thereza Ávila Dantas. **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ANTECEDENTES HISTÓRICOS.** Brasil, 2008. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/313/261>> Acesso em: 11 ago. 2019.

SOARES, Bárbara M. **ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER Orientações Práticas para Profissionais e Voluntários(as).** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contra-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios>> Acesso em: 23 ago. 2019.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.11, n.21, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.org/article/icse/2007.v11n21/93-103/>> Acesso em: 22 ago. 2019.



**ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019**

SINIMBU, Raniela Borges; et al. **Caracterização das vítimas de violência doméstica, sexual e/ou outras violências no Brasil – 2014**. Revista saúde em foco, 2014. Disponível em: < <http://smsrio.org/revista/index.php/revsf/article/view/199>> Acesso em: 22 ago. 2019.

TEIXEIRA, Marcos Matos. **LEI MARIA DA PENHA: Combate à Violência Doméstica**. Porto Velho, 2018. Disponível em: < <http://repositorio.saolucas.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2691/Marcos%20Matos%20Teixeira%20-%20Lei%20Maria%20da%20Penha%20combate%20a%20viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica.pdf?sequence=1>> Acesso em: 22 ago. 2019.

**MARIA DA PENHA: DE VÍTIMA A PROTAGONISTA DO MAIOR ATO EM DEFESA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA**

Lilian Renata Golas<sup>1</sup>

Jessica Luiza Pintado<sup>2</sup>Amanda Grazielle Aguiar Videira<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo propõe-se a apresentar uma análise documental da biografia “Sobrevivi... Posso contar.”, de autoria da Maria da Penha (2014), Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica-bioquímica, cearense, brasileira, que foi vítima de violência doméstica. Objetivou-se identificar os relatos sobre a sua vivência subjetiva da experiência de violência doméstica presentes na referida obra e categorizar os sentimentos evocados. Utilizou-se como métodos a análise documental (MORAES, 1999), a partir da qual se formulou a questão “Quais foram as emoções, sentimentos, comportamentos recorrentes da experiência de violência doméstica que a Maria da Penha vivenciou?” e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para identificar e categorizar tais manifestações provenientes da vivência subjetiva relatada na biografia. Identificou-se a recorrência de vinte e duas manifestações emocionais, e emergiram três categorias: sentimentos positivos, sentimentos neutros e sentimentos negativos. A partir dessas análises, pôde-se concluir que a situação de violência doméstica vivida por Maria da Penha, além da consequência física de paraplegia, ocasionou consequências psicológicas como: preocupação constante, diminuição da autoestima e ansiedade, e que faz parte de sua vida diariamente.

**Palavras-chave:** Violência doméstica, Vivência subjetiva, Consequências Psicológicas.

## **INTRODUÇÃO**

Maria da Penha, natural de Fortaleza, primogênita de José da Penha Fernandes, cirurgião-dentista, e de Maria Lery Maia Fernandes, professora, que decidiu após o seu nascimento de Maria não exercer mais a profissão, dedicando se integralmente à família, formada por mais quatro filhas. Foi casada durante 23 anos e teve três filhas. De vítima da violência doméstica a protagonista do maior ato de defesa a favor de mulheres vítimas da mesma violência: a Lei 11.340/06, que penaliza criminalmente homens que cometem agressão contra mulheres<sup>4</sup>.

O Artigo 7º da Lei Maria da Penha especifica nos incisos I, II, III e IV as formas de violência doméstica:

De acordo com a referida Lei, violência doméstica e familiar contra mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial; no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto.

A violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; I- a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

II- a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;<sup>5</sup>

III- a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades<sup>1</sup>.

IV - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria<sup>1</sup>.

Esta Lei 11. 340/06 foi criada mediante a repercussão que o caso da Maria da penha teve, prevê medidas rigorosas para esse tipo de crime e popularmente é conhecida como Lei Maria da Penha. Após a sua criação, a violência doméstica foi conceituada de forma clara e configurada oficialmente como um problema de segurança e saúde pública, tornando-se um tema de suma relevância para áreas a fins, como a Psicologia (GUIMARÃES & PEDROZA, 2015).

Dada a relevância de Maria da Penha no cenário da violência contra a mulher, o preponente artigo objetivou identificar os relatos sobre a sua vivência subjetiva da experiência de violência doméstica presentes em sua biografia “Sobrevivi Posso Contar” e categorizar os sentimentos identificados. Para tal, foram utilizadas como métodos a análise documental (MORAES, 1999), a partir da qual se formulou a questão “Quais foram as emoções, sentimentos, comportamentos recorrentes da experiência de violência doméstica que a Maria

da Penha vivenciou?” e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para categorizar tais manifestações psicológicas provenientes da vivência subjetiva relatada na sua obra.

## DESENVOLVIMENTO

Os métodos utilizados neste estudo são de abordagem qualitativa, em que o método de análise documental (MORAES, 1999) constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Esse método conduz a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados em um nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999). Já a análise de conteúdo é realizada através de diferentes técnicas e um dos objetivos principais é o agrupamento de informações e a identificação fecunda da subjetividade apresentada através do discurso de uma pessoa (BARDIN, 1977). Na presente pesquisa, ambas as análises foram realizadas a partir da história de violência doméstica experienciada por Maria da Penha, documentada em sua biografia.

Sobre as experiências, de M. da Penha, Affonso e Pandjarian (2012) observam:

“Penha viveu uma “ciranda infernal”, mas não se rendeu. Com o apoio incondicional de familiares, amigos e amigas, e de profissionais que dela cuidaram, em meio às dores e humilhações sofridas e às dolorosas descobertas que enfrentou nesse processo, ela foi capaz de romper o ciclo de terror, submissão e violência a que esteve submetida. Encontrou força, razão e sentido na luta por justiça e contra a impunidade. Uma luta que é sua, nossa, de todas as mulheres; deve ser também de todos os homens, da sociedade e do Estado.” (AFFONSO E PANDJIARDIAN, 2012, p. 9)

Maria da Penha sofreu durante anos violência doméstica pelo marido, o qual tentou assassiná-la por duas vezes. Juntamente a isso, presenciou suas filhas sofrendo maus tratos e agressões pelo pai. Para ilustrar, segue o relato de M. da Penha:

“A partir do momento em que M. foi naturalizado e se estabilizou profissional e economicamente, modificou totalmente o seu modo de ser. O companheiro, até então afável, transformou-se numa pessoa agressiva e intolerante, não só em relação a mim, mas também às próprias filhas.” (PENHA, 2012, p.22)

Ao considerar a importância que os sentimentos têm na vida de uma pessoa, o trabalho traz uma análise dos principais sentimentos vividos e que foram relatados no livro por Maria da Penha.

Sabe-se que independente da situação vivida, é comum que haja a manifestação de diferentes sentimentos, pois eles constituem a maneira a qual as pessoas percebem a si próprias e imprimem a reação que cada sujeito emite ao mundo. O que é sentido a respeito de qualquer fato reflete a história de quem se é, o desenvolvimento de si, influências do que foi vivido, o estado presente e o potencial ao futuro (VISCOTT, 1938). Em diferentes partes de sua biografia, Maria da Penha narra como se sentiu, o que possibilitou a realização da identificação dos sentimentos manifestos e a forma que experienciou subjetivamente a violência.

No livro, Maria da Penha conta sua história desde o momento em que conheceu seu antigo esposo, Sr.M, na faculdade. Ela relata todos os fatos principais ocorridos desde o primeiro encontro até o matrimônio e posteriormente relata com detalhes sua tentativa de homicídio, seus sentimentos no momento do ocorrido e no momento da sua recuperação.

### **CONFLITOS ENVOLVENDO AS FILHAS**

Maria da Penha descreveu situações em que o Sr. M agiu agressivamente contra suas próprias filhas ao reprovar alguns sentimentos e comportamentos das meninas.

“A partir do momento em que Marco foi naturalizado e se estabilizou profissional e economicamente, modificou totalmente o seu modo de ser. O companheiro, até então afável, transformou-se numa pessoa agressiva e intolerante, não só em relação a mim, mas também às próprias filhas.” (PENHA, 2012, p.22).

A análise aponta que Maria da Penha sofria por suas filhas, e sentia medo de ficar sem amparo, pedindo ajuda as amigas mais próximas. Pode-se notar esse sofrimento no relato que Penha faz: “O nosso desespero era muito grande. Eu sofria por mim e por minhas filhas. Pedia às amigas mais chegadas que não me abandonassem que me ajudassem.” (PENHA, 2012, p. 80):

Sobre o comportamento de Sr. M em relação as suas filhas, Maria diz: “Eu vivia tensa, procurando evitar que as crianças quebrassem algum brinquedo, fizessem alguma traquinagem ou descumprissem alguma ordem do pai.” (PENHA, 2012, p.24). Dessa maneira pode-se

observar a tensão vivida por Maria na tentativa de controlar certos comportamentos de suas filhas a fim de evitar qualquer tipo de revolta do pai a ponto de castigá-las e causar dor e sofrimento a elas.

Outro relato relevante diz respeito ao comportamento de Sr. M perante outras pessoas. Segundo ela, Sr. Marco agia de forma agressiva somente dentro de casa, pois perante a sociedade ele se comportava de maneira totalmente diferente. Sobre isso, Penha comenta: “Todo esse sofrimento era passado entre quatro paredes, pois, perante estranhos, ele se portava como uma pessoa educada, cortes, e comedida.” (PENHA, 2012, p. 25)

“Eram muitos os caprichos de Marco. Ceder a eles se constituía, para mim, num misto de **medo e esperança**: medo da sua agressividade, esperança de que a minha aquiescência lhe tocasse o coração e ele reconsiderasse o seu proceder em relação a mim e às filhas. A mistura desses sentimentos confundia-me e, ao mesmo tempo, causava-me revolta, quando eu verificava que os esporádicos comportamentos aceitáveis de Marco só aconteciam para atender às suas conveniências, aos seus interesses.” (PENHA, 2012, p.23)

Nota-se nesse momento, a expressão de dois sentimentos, um negativo e o outro positivo, que muitas vezes na biografia apareceram juntos, causando-lhe outro sentimento negativo: a revolta. Em que Penha relata “[...] Ao mesmo tempo eu tinha e perdia a esperança, sentia loucos medos, abismos de horror [...]” (PENHA, 2012, p. 54)

É possível observar vários momentos em que Maria da Penha se diz confusa e sentir um misto de sensações que oscilavam entre sentimentos bons e ruins ao mesmo tempo em relação às situações que estava vivenciando em seu cotidiano. Nota-se ainda, esse misto de sentimentos quando ela descreve suas emoções e sentimentos no momento em que se dá conta de ser atingida por uma arma de fogo: “Quem passou por um grande perigo em que se está prestes a morrer sabe que, nesses momentos angustiantes, o nosso pensamento flui com tal rapidez que, em fração de segundos, toda a nossa vida é repassada como num filme acelerado.” (PENHA, 2012, p. 34).

Ainda sobre o momento, Penha relata mais uma vez a angústia vivida. “[...] a minha angústia era tremenda ao me sentir perdendo as forças. Percebia a vida sair de mim mesma,

contra a minha vontade, e não tinha como dizer que estava gravemente ferida. [...]” (PENHA, 2012, p. 35).

### **OS MOMENTOS APÓS A TENTATIVA DE HOMICÍDIO**

Já no hospital, M. da Penha além de lidar com as dúvidas sobre o que tinha acontecido naquela noite, e todos os sentimentos confusos sobre vida e morte, ela tinha que encarar as emoções causadas por Sr. M, que a visitava trazendo à tona sentimentos de angústia e medo. Ainda afirma que toda essa situação causava piora em seu estado clínico, prejudicando sua recuperação. Penha sobre isso, traz o seguinte relato: “Todas as vezes que Marco ia visitar-me, eu ficava ainda mais angustiada e debilitada e isso se refletia no meu estado clínico, que piorava a ponto de eu sentir falta de ar, sendo necessário, na maioria das vezes, chamar o médico plantonista.” (PENHA, 2012, p. 47)

O disparo que acertou Maria da Penha atingiu sua coluna, que a deixou paraplégica. Sem os movimentos da cintura para baixo, Penha ficou debilitada de suas atividades, dependente de suas amigas e familiares e até mesmo de seu até então esposo, para executar atividades simples do dia-a-dia. Essa situação estava trazendo consequências psicológicas que de alguma maneira poderiam até mesmo interferir na sua recuperação, e aceitação de suas novas condições.

Sobre esse sentimento de impotência, Penha descreve essa situação da seguinte forma: “[...] sentir-me prisioneira em meu próprio lar, tendo minhas atitudes tolhidas e vendo-me sob o total arbítrio do próprio marido, era não somente terrível de aceitar, como também agravava a insuportável sensação de impotência.” (PENHA, 2012, p. 67)

Na história de Penha percebe-se muitos tipos de sentimentos relacionados à tristeza, sentimentos categorizados como negativos, ao mesmo tempo em que relata sentimentos neutros, confusos e até um misto de sensações. Sentimentos categorizados como positivos também puderam ser encontrados nos relatos.

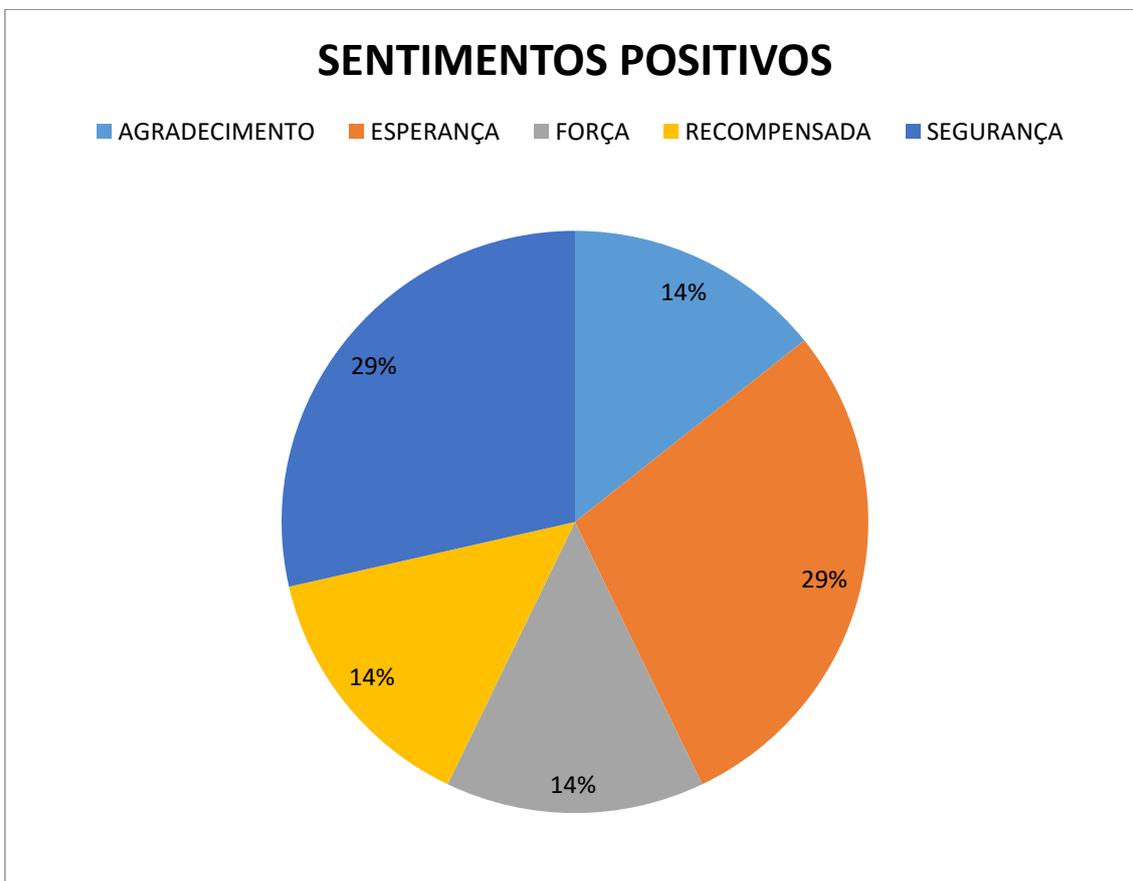
Com base na análise documental e na categorização dos sentimentos expressados por Penha, foi possível um levantamento da frequência em que cada um aparece em suas falas. Esses dados foram expostos em gráficos que mostram em porcentagem a frequência de cada sentimento.

## **CATEGORIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS**

Vale lembrar que os sentimentos vividos por ela são em relação a ela mesma e muitos sentimentos são relacionados ao que ela sentiu por seu marido, Marco Antônio.

### **Gráfico 1 – Sentimentos positivos**

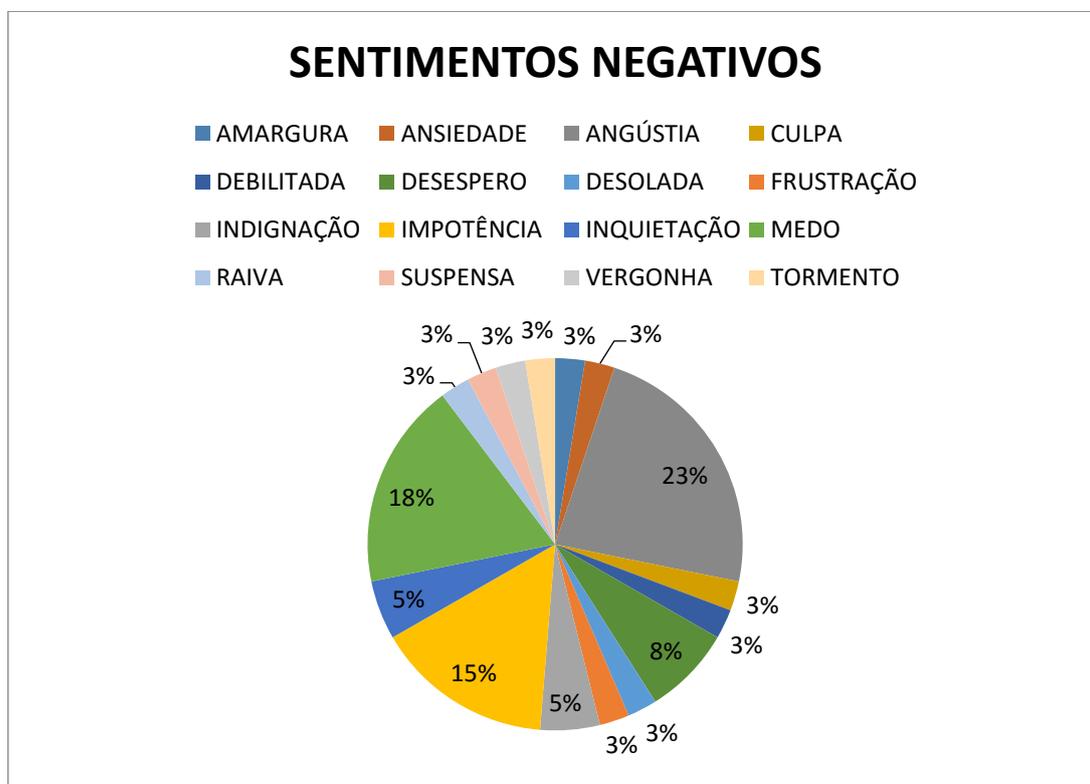
Com base na identificação dos sentimentos encontrados nas falas de Maria da Penha, observam-se cinco sentimentos que foram categorizados como sentimentos positivos. Como mostra o gráfico, há dois sentimentos que predominam nessa categoria, sendo eles: segurança e esperança (duas vezes citados), representados por 29% dos sentimentos positivos expressados. E outros três apresentam mesma frequência, sendo eles: agradecimento força, recompensa. Esses, representando 14% dos sentimentos positivos expressados por ela. Tais sentimentos foram observados em falas onde Penha registra um misto de sentimentos



Fonte: dados obtidos através de análise documental

#### Gráfico 2 – Sentimentos negativos

Nessa categoria há três sentimentos que predominam, sendo eles: medo (sete vezes), representando 18% de seus relatos; angústia (nove vezes), representando 23% de seus sentimentos negativos.



Fonte:

dados obtidos através de análise documental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que este estudo alcançou os objetivos pretendidos, pois com base na análise documental e de conteúdo da biografia “Sobrevivi... Posso contar, foi possível identificar e categorizar os sentimentos vivenciados e descritos por Maria da Penha ao narrar a sua história de violência doméstica. A partir disso, pôde-se identificar a frequência em que os sentimentos foram expressos no decorrer dessa história e elencar os sentimentos em duas categorias: sentimentos positivos e sentimentos negativos.

Evidencia-se também, a prevalência de sentimentos negativos, apesar de Maria de a Penha expressar em alguns momentos sentimentos positivos, como também uma mistura dos mesmos. Destaca-se que a história de M. da Penha foi crucial para o cenário atual a respeito da violência contra a mulher e que a partir da mesma, pode-se ter um parâmetro do sofrimento experienciado por demais mulheres que vivenciaram ou vivenciam a essa situação.



**ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019**

Por fim, estas análises possibilitaram evidenciar o quanto o fenômeno de violência doméstica demanda da atuação dos profissionais de psicologia, apontando juntamente a isso, a relevância de políticas públicas voltadas para este cenário, assim como a importância de mulheres vítimas desta violência serem assistidas psicologicamente. Sugere-se que novos estudos sejam realizados.

**REFERÊNCIAS**

- APPOLINARIO, Fábio. Metodologia Científica [recurso eletrônico]. São Paulo: Cengage, 2016.
- BARDIN, Laurence. Análise do Conteúdo. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- FERNANDES, Maria da Penha Maia. Sobrevivi, posso contar. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.
- GUIMARÃES, M. C. & Pedroza, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas. *Psicologia & Sociedade*, 27 (2), 256-266. 2015.
- VISCOTT, David Steven. A linguagem dos Sentimentos. São Paulo: Summus, 1938.

## ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*Ana Karolina Leonel De Moraes<sup>1</sup>*  
*Jeane Adaiza Rodrigues Ferreira Padilha<sup>1</sup>*  
*Márcia da Silva Gonçalves<sup>1</sup>*  
*Maxsuel de Souza Silvestre<sup>1</sup>*  
*Amanda Grazielle Aguiar Videira<sup>2</sup>*

**RESUMO:** A violência doméstica é um fenômeno que atinge milhares de mulheres. Sob diversas formas e intensidades, é recorrente e presente no mundo todo, motivando crimes hediondos e graves violações de direitos humanos. Apesar de todos os avanços sociais e legislativos dos últimos anos, o número de casos de violência doméstica contra mulheres no Brasil ainda é muito grande. Tal violência apresenta causas multifatoriais, relacionadas à cultura, machismo, desigualdade social, e outros. A mulher agredida apresenta prejuízos emocionais e psicológicos, e necessita de apoio para reconstruir sua vida pessoal e profissional, autoestima e relações sociais. O objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa sobre a atuação do psicólogo junto às mulheres vítimas de violência doméstica, o que se justifica pela alta prevalência de casos em nossa sociedade e pela necessidade de reconhecer e divulgar o trabalho do profissional de psicologia nesse contexto. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura científica, para tal, utilizaram-se os bancos de dados Scielo, *Google Scholar* e outros. Os artigos apontam que o papel do psicólogo, engloba ouvir, acolher, e orientar as vítimas, proporcionando um ambiente seguro e confiável para a partilha de experiências, permitindo que ela consiga sentir-se mais fortalecida para lidar e, se desejar, mudar a situação.

**Palavras Chave:** Violência Doméstica; Intervenção Psicológica.

**ABSTRACT:** Domestic violence is a phenomenon that affects thousands of women. In various forms and intensities, it is recurrent and present worldwide, motivating heinous crimes and serious human rights violations. Despite all the social and legislative advances of recent years, the number of cases of domestic violence against women in Brazil is still very large. Such violence has multifactorial causes related to culture, machismo, social inequality, and others. The battered woman presents emotional and psychological damages, and needs support to rebuild her personal and professional life, self-esteem and social relations. The objective of this paper is to present a research on the psychologist's work with women victims of domestic violence, which is justified by the high prevalence of cases in our society and the need to recognize and disclose the work of the psychologist in this context. A systematic review of the scientific literature was performed. Scielo, Google Scholar and others databases were used. The articles point out that the role of the psychologist encompasses listening, welcoming, and guiding the victims, providing a safe and reliable environment for sharing experiences, allowing them to feel more empowered to cope and, if desired, to change the situation.

**Keywords:** Domestic violence; Acting; Psychologist; Intervention.

---

<sup>1</sup>Graduandos do VIII Termo do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade do Vale do Juruena – AJES. Juína - Mato Grosso, Brasil.

<sup>2</sup>Docente Mestra da Faculdade do Vale do Juruena – AJES. Juína - Mato Grosso, Brasil. E-mail:



<amandavideira.agav@gmail.com>

## INTRODUÇÃO

A violência doméstica é um fenômeno que tem assumido, por todo o mundo, proporções bastante elevadas. Quando se fala deste tema, reporta-se a uma realidade concreta: de homens, mulheres, crianças e idosos cuja dignidade enquanto pessoa é posta em causa. Estudos sobre o fenômeno da violência doméstica têm se tornado necessários por se tratar de um grave problema social que tem ganhado cada dia mais visibilidade em todos os âmbitos (ALVES, 2005).

O assunto violência é um tema complexo que atinge um grande número de famílias, independente da classe social, raça, etnia, nível escolar. Ainda com todos os avanços nos últimos anos, sociais, políticos e jurídicos no combate à violência, notam-se que os dados estatísticos de casos de violência contra mulheres no Brasil ainda são alarmantes. Tal violência pode se apresentar a partir de uma combinação de fatores, relacionadas à cultura, machismo, desigualdade social, relações de poder e outros. As vítimas agredidas frequentemente apresentam prejuízos emocionais e psicológicos, e necessitam de apoio para reestruturar sua vida pessoal e profissional, autoestima e relações sociais (SOUSA; NOGUEIRA et al, 2013).

São inúmeros os atos de violência contra a mulher, seus sintomas, suas consequências físicas e psicológicas. O que caracteriza um cenário que necessita da atuação do psicólogo, profissional competente para lidar com as questões da saúde emocional. Pois, o suporte às vítimas de violência doméstica se configura em uma área de atuação da Psicologia, onde o profissional poderá proporcionar um acolhimento, fazendo com que ela se sinta em um ambiente seguro e confiável, porque, somente desta forma, conseguirá compartilhar as experiências vividas que lhe causaram sofrimento e com as ferramentas necessárias promover uma reestruturação do indivíduo, compreendendo o contexto no qual a vítima está inserida (MONTEIRO, 2012).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é contribuir para o conhecimento e o reconhecimento do profissional de psicologia atuando nesta área. O artigo está subdividido nos seguintes tópicos: o que é a violência, as formas mais comuns de violências, suas consequências e o papel do psicólogo no cuidado com vítimas da violência. Realizou-se uma revisão

sistemática da literatura científica brasileira acerca da atuação do psicólogo junto às mulheres vítimas de violência doméstica. Foram consultadas as bases de dados Index Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar. As palavras chave utilizadas foram: Violência Doméstica; Atuação; Psicólogo; Intervenção. A busca inicial não estipulou data e os critérios foram: amostra de casos de violência doméstica; dados estatísticos, principais sintomas e consequências e a atuação do psicólogo. Em seguida, com os artigos selecionados foram analisados, os embasamentos teóricos, construtos associados à violência doméstica e as estratégias de atuação do psicólogo.

## **DESENVOLVIMENTO**

O que é a Violência Doméstica?

Segundo Antunes (2002), a violência doméstica é um tema atual e recorrente, presente no mundo todo, e que tem atingido milhares de mulheres. Tem sido definida como um padrão de comportamentos abusivos que incluem uma variedade de maus tratos possíveis, desde físicos, sexuais e psicológicos. Estes comportamentos são aplicados por uma pessoa a qualquer outra que habite no mesmo local doméstico privado ou que, não habitando com o agente da violência, partilhe o seu contexto de intimidade, com o objetivo de adquirir poder ou manter essa pessoa sob seu controle.

Para a OMS (2002), a violência pode ser classificada em três categorias: violência interpessoal que é dividida em doméstica e intrafamiliar, violência dirigida a si mesmo e coletiva que está direcionada a atos econômicos e políticos. No Brasil, estimam-se que cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos; o parceiro (marido, namorado ou ex) é o responsável por mais de 80% dos casos reportados, segundo a pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (FPA/SESC, 2010).

Quando se fala em violência doméstica, imediatamente pensamos em agressões físicas, no entanto ela pode ocorrer de inúmeras formas, das físicas a psicológica, desde as mais sutis até as mais violentas, pode se iniciar com um insulto leve ou mais agressivo, quando um homem

diz: “Você é louca”, também é uma forma de violência, onde o agressor coloca em questão a sanidade mental da vítima. (FONSECA; RIBEIRO, 2012).

Assim, pode a violência contra a mulher manifestar-se de diversas formas e em diferentes espaços na sociedade, não importando a classe social, idade, raça/etnia, cultura ou grau de desenvolvimento econômico do país (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2012).

#### Formas de Violência Contra a Mulher

No que se refere às formas de violência contra a mulher, elas podem ser divididas em grupos segundo o artigo 7º da Lei Maria da Penha nº 11.340/2006, a saber: violência sexual, doméstica, patrimonial, física, moral, institucional e psicológica.

##### *a) Violência sexual*

Segundo Teles e Melo (2003) a violência sexual pode ser entendida como qualquer forma de atividade e prática sexual sem seu consentimento, com uso de força, intimidações, chantagens, manipulações, ameaças ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal e/ou criticar seu desempenho sexual e até obrigá-la a ter relações sexuais com outras pessoas.

##### *b) Violência doméstica*

A violência doméstica é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause à mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (BRASIL, 2006).

Complementando, a Lei Maria da Penha nº 11.340/2006, que em seu artigo 5º, definiu violência doméstica como:

Art. 5º. Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, e dano moral ou



ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019

patrimonial:

I – no âmbito da unidade doméstica, compreendida como espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II – no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III – em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

*c) Violência física:*

Compreendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal (BRASIL, 2006). Corroboram Day e Telles et al. (2003), que a violência física acontece quando alguém causa ou tenta provocar prejuízos por meio de força física, com algum tipo de arma ou instrumentos que possam causar lesões internas, externas ou ambas.

*d) Violência moral:*

Neste caso refere-se ao tipo de violência como qualquer conduta em que se utiliza calúnia, difamação ou injúria contra uma mulher (BRASIL, 2006).

*e) Violência psicológica:*

Ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa, por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal (BRASIL, 2008). Day e Telles et al. (2003) ressalta que é a forma mais subjetiva de praticar violência, embora seja muito frequente a associação com agressões corporais, deixando profundas marcas no desenvolvimento, podendo comprometer toda a vida mental da mulher.

Ainda que, possa-se imaginar violência apenas quando há uma agressão física, cabe destacar que existe também a violência psicológica. A violência psicológica diferencia-se da física porque a primeira, é decorrente de palavras, gestos, olhares dirigidos à vítima, sem

necessariamente ocorrer o contato físico, enquanto a segunda forma de violência compreende atos de agressão corporais direcionados a vítima (SILVA, COELHO e CAPONI, 2007).

#### As Consequências da Violência

No ano de 1980 o conceito de DSPT (Distúrbio de Stress Pós-Traumático), foi introduzido pela Associação de Psiquiatria Americana, como sendo uma nova desordem psiquiátrica. O conceito de DSPT contribui no reconhecimento de causas traumáticas decorrentes da violência doméstica. As vítimas da violência doméstica são afetadas por eventos cruéis, estes alteram suas vidas e o seu bem-estar (ALVES; LEAL, 2012).

O DSPT é dividido em traumas de Tipo I e Tipo II, pessoas que se enquadram nos traumas de Tipo I, apresenta os sintomas de somatização, mudanças na regulação do afeto e dos impulsos, a dissociação, mudanças na identidade e na percepção do agressor, como também mudanças nas relações com outras pessoas e mudanças na percepção sobre o sentido da vida e depressão. Já as pessoas que se enquadram nos traumas de Tipo II, podem apresentar reações mais sérias que vão desde a DSPT, abuso na ingestão de substâncias, ansiedade generalizada, pânico, fobia, desordens depressivas e comportamento antissocial bem como outras desordens de personalidade (ALVES; LEAL, 2012).

Cada tipo de violência cometida contra mulheres gera, segundo Fonseca e Lucas (2006), traz prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional e afetivo. As manifestações físicas da violência podem ser graves e dolorosas, sendo como: inflamações, contusões, hematomas, ou crônicas, estas podendo deixar sequelas para o longo da vida, como limitações no movimento motor, traumatismos, e resultando até em deficiências físicas, dentre outras.

Os sintomas psicológicos comumente encontrados em vítimas de violência doméstica são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até o aparecimento de sérios problemas mentais como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico, distúrbio de estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, ou mesmo tentativas de suicídio (FONSECA; LUCAS, 2006).



### O Atendimento Psicológico a Mulheres em situação de Violência

A violência contra mulher infelizmente apresenta dados alarmantes, principalmente em nosso país, alguns dados levantados pelo Datafolha feito em fevereiro encomendada pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil, mostram que nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. (FRANCO, 2019)

Assim como afirma Schraiber (2010), a violência contra as mulheres se posiciona em um tema um tanto quanto complexo para o campo da pesquisa e intervenção, por isso torna o trabalho interventivo do psicólogo complexo, lidando com casos de grande sensibilidade, quando se depara com esse quadro tão grave é necessário compreender toda a realidade que envolve a vítima e o agressor, dessa maneira o psicólogo terá que entender todo o conjunto de valores, cultura e regras a qual a pessoa esteve sempre inserida, isso apenas para evidenciar alguma hipótese inicial para se trabalhar com a mulher vítima de violência. (HANADA et al, 2010)

Mais do que nunca é preciso colocar em prática os projetos criados para assistência a mulheres vítimas de violência, uso de mecanismos eficientes para prevenção dos casos que ocorrem com as mulheres e devidos tratamentos ao agressor, de forma que este assunto não deixe de mostrar sua seriedade em ser cumprido, é um trabalho a ser realizado pautado em uma dimensão ética e moral ligada as relações interpessoais, juntamente com outros profissionais que são necessários para a realização da assistência a mulher, ambos trabalhando juntos para que o propósito único seja feito, a prevenção contra a violência a mulher e não deixar desassistidas as mulheres que foram acometidas pelo agressor. (HANADA et al., 2010).

Geralmente os psicólogos atuam nas equipes de assistência jurídica, delegacias especializadas de atendimento à mulher, ou em organizações não governamentais diversas. A produção de políticas públicas favorável a essa intervenção do psicólogo em mulheres vítimas



de violência se torna uma grande ferramenta e auxílio para o profissional. (HANADA et al., 2010).

Segundo o documento de referência para atuação de psicólogas(os) em serviço de atenção à mulher em situação de violência fornecido pelo centro de referência técnica em psicologia e políticas públicas, um trabalho do conselho federal e regional de Psicologia, afirma que o atendimento psicológico é o ato ou efeito de atender a mulher por meio de atividades relacionadas à organização do processo de trabalho técnico de cada área do conhecimento envolvido, a partir da entrada da mulher no serviço de atendimento. (CREPOP, 2013).

O atendimento psicológico vai iniciar geralmente com uma escuta, entrevista inicial e outras técnicas, identificando a demanda real, cada mulher possui uma subjetividade que é diferente das demais por isso cada relato deve ser ouvido atentamente com uma escuta reflexiva e crítica acerca do caso, compreender a como isso afeta a dinâmica familiar e da própria vítima, também se atentando a necessidade que poderá surgir de psicoterapia. (CREPOP, 2013).

## CONCLUSÃO

Diante disso, podemos concluir que o suporte às vítimas de violência doméstica se configura em uma área de atuação da Psicologia, que busca envolver embasamento teórico e o desenvolvimento de uma intervenção que mantenha relação com o contexto jurídico e social no qual a vítima está inserida. O psicólogo perante vítimas que sofrem violência é extremamente necessário, pois, realiza um trabalho de acolhimento, oferecendo um ambiente seguro e confiável para a partilha de experiências para então compreender a construção do sujeito e abordando sua relação com a sociedade.

A vítima que sofre as agressões podem, além de danos físicos, carregar consigo marcas muito profundas da violência, sofrendo pela vida toda, tendo suas estruturas emocionais completamente devastadas. Dessa forma, ajudar uma vítima de violência, não é apenas afastá-la de seu agressor, mas é proporcionar a oportunidade para que ela se abra e tente reestruturar a estabilidade e o equilíbrio emocional que possuía antes. Neste aspecto de reconstrução a si mesma, de refletir sobre a situação em que vive ou que viveu, é que se faz necessário o



ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019

acompanhamento do profissional de psicologia que possui as ferramentas, os métodos para auxiliar as vítimas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raquel Elisa Oliviera; LEAL, Liliane Vieira Martins. **Violência Psicológica e a Saúde Da Mulher**, (UFG/CAJ), 2012. <<http://www.fesurv.br/imgs/13%20VIOL%C3%80NCIA%20PSICOL%C3%93GICA%20E%20A%20SA%C3%90DE%20DA%20MULHER%20ED.pdf>>.

Antunes, M. A. F. (2002). **Violência e vítimas em contexto doméstico**. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Ed.), *Violência e vítimas de crimes, I: Adultos*. Coimbra: Quarteto Editora.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 08 ago. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>.

BRASIL. **Manual para Atendimento às Vítimas de Violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal**/ Laurez Ferreira Vilela (coordenadora) – Brasília: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2008. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_atendimento\\_vitimas\\_violencia\\_saude\\_publica\\_DF.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atendimento_vitimas_violencia_saude_publica_DF.pdf)>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência** /Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2012. 82 p. ISBN: 978-85-89208-58-1 1. Psicólogos 2. Políticas Públicas 3. Mulher 4. Violência I. Título . Disponível também em: <[www.cfp.org.br](http://www.cfp.org.br) e em [crepop.pol.org.br](http://crepop.pol.org.br)>.

DAY, Vivian Peres; TELLES, Lisieux Elaine de Borba et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **R. Psiquiatr. RS**, 25' (suplemento 1): 9-21, abril 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>



ANAIS DO II ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA AJES – JUÍNA  
PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
E FEMINICÍDIO  
06 DE SETEMBRO DE 2019

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. **Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências, Salvador** – Ba, ano 2006, p. 24, Acessado em: 7 ago. 2019. <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>

FONSECA, D. H., RIBEIRO, C. G. et al. **Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais.** Psicologia & Sociedade, 24(2), 307-314, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>>.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO/SESC. **Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado**, 2010. <<http://csbh.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>>

FRANCO, Luiza. **Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'.** BBC News Brasil em São Paulo: Copyright, 2019 BBC.

HANADA, Heloisa et al. Os psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência. **Violência contra a mulher: atendimento psicológico**, São Paulo, ano 2010, v. 18, n. 1, p. 1-27, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100003).

MONTEIRO, Fernanda Santos. **O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica.** BRASÍLIA, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2593/3/20820746.pdf>>.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n21/v11n21a09.pdf>>

SOUSA, Ane Karine Alkmim de; NOGUEIRA, Denismar Alves et al. **Perfil da violência doméstica e familiar contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v21n4/v21n4a11.pdf>>.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica. **O que é violência contra a mulher.** – São Paulo: Brasiliense, 2003.